

A LITERATURA E O ENSINO RELIGIOSO: UM DIÁLOGO PROFÍCUO COM A OBRA MORTE E VIDA SEVERINA

Constantino José Bezerra de Melo¹

Robson Anselmo Tavares de Melo²

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar a literatura como uma das possibilidades de trabalho pedagógico com o Ensino Religioso. O Currículo do Ensino Religioso da Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco é flexível, permitindo a adaptação e o trabalho docente com a literatura em todos os anos. Em 2021, durante a pandemia do corona vírus, realizamos uma formação continuada com os técnicos de ensino religioso das 16 gerências regionais na plataforma google meet. Com a obra Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto, apresentamos as possibilidades de trabalho com o ensino religioso. A formação continuada abordando a obra em tela foi realizada em três momentos. Na primeira fase, narramos o auto de natal com as especificidades da literatura de João Cabral. Na segunda fase, apresentamos um trabalho pedagógico de interlocução entre a literatura e o ensino religioso, promovendo uma interface da obra com o documento Currículo de Pernambuco. Na terceira fase, realizamos uma roda de diálogo virtual, problematizando o trabalho pedagógico entre a literatura e o ensino religioso, propondo desafios para sensibilização da prática docente dos professores do ensino religioso para com a literatura. Como resultado da formação, os técnicos das gerências regionais compreenderam a importância de trabalharmos todos os anos uma formação específica sobre uma obra literária. Apesar do distanciamento provocado pela pandemia e pelo modelo remoto utilizado na formação, tivemos uma participação ativa dos professores envolvidos no processo de formação continuada, valorizando o diálogo entre a obra literária e o ensino religioso.

Palavras-chave: Ensino Religioso, Literatura, Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Em Pernambuco, a Secretaria de Educação e Esportes possui uma rede de 16 gerências regionais em todo o estado. A Gerência de Educação dos Anos Finais do Ensino Fundamental é responsável pela formação continuada de professores de Ensino Religioso dos anos finais (6 ao 9 ano). Em 2021, realizamos a primeira formação envolvendo o campo do conhecimento da Literatura e do Ensino Religioso por meio da obra de João Cabral de Melo Neto, Morte e Vida Severina.

¹ Psicólogo, sociólogo e doutor em Ciências da Religião. Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco – GRE Recife Norte, constantinomelo2015@gmail.com.

² Professor de Literatura e doutor em Ciências da Linguagem. Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco – GEPAF-SEE, robsonportilit@gmail.com.

O Ensino Religioso é um componente curricular de oferta obrigatória integrante do Ensino Fundamental e, para tanto, é importante considerar a necessidade de investimento na formação continuada dos professores. Nessa perspectiva, no mês de setembro, participamos de uma formação continuada, em conjunto com os técnicos e professores de Ensino Religioso das 16 gerências regionais, promovida pela Gerência de Políticas Públicas dos Anos Finais do Ensino Fundamental-GEPAF, setor da Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, gerenciada pela prof^a Shriley Malta.

O tema proposto para o mencionado estudo, junto aos professores de Ensino Religioso, foi “A Literatura e o Ensino Religioso: um diálogo profícuo com a obra Morte e Vida Severina”, com o objetivo de sensibilizar os professores de Ensino Religioso para o trabalho pedagógico com a literatura, especialmente a brasileira, no caso em tela a obra do escritor pernambucano.

Para essa ação educativa, contamos com os professores-formadores da GEPAF Constantino Melo e Robson Anselmo e a coordenadora Rosalia Soares. Utilizamos a plataforma Google Meet, nessa formação com os professores e técnicos das gerências regionais de Ensino Religioso, no dia 12.09.2020. Nosso encontro contou com a participação de 32 professores e técnicos de Ensino Religioso, representando os seguintes municípios do estado: Garanhuns, Petrolina, Nazaré da Mata, Vitória, Recife, Arcoverde, Palmares, Limoeiro, dentre outros.

METODOLOGIA

A formação continuada foi realizada no formato remoto, para os professores e técnicos das gerências regionais de Ensino Religioso foi destinada aos docentes que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental, ou seja, aqueles que trabalham com as turmas do 6º ao 9º ano das escolas da rede pública estadual. Essa ação educativa foi baseada nas 10 competências gerais propostas na Base Nacional Comum Curricular (2017) e no Currículo de Pernambuco (2018).

Durante a formação continuada, foi realizada uma roda de diálogos com os professores, na qual destacamos os seguintes pontos na pauta formativa:

- A literatura e a força da linguagem poética no trabalho pedagógico com o Ensino Religioso;

- O poema Morte e Vida Severina como crítica ao abismo econômico, político e social brasileiro;
- A literatura aplicada ao Ensino Religioso e a sensibilização para o ato de ler;
- As narrativas religiosas e o gênero literário auto de natal.

Buscamos escutar os professores nessa roda de diálogo virtual, logo verificamos a excelente possibilidade do trabalho pedagógico com a variedade de gêneros textuais no Ensino Religioso, pois expressam muito das atividades humanas (BAKHTIN, 2000). Para ampliar a dialogia profícua entre a Literatura e o Ensino Religioso, propusemos aos professores e técnicos das gerências regionais, sugestões de produções que pudessem ser desenvolvidas junto aos estudantes. O objetivo principal da proposição foi de dinamizar o registro dos conhecimentos dos estudantes por meio de jogo teatral, da leitura dramatizada, do concurso de fotografias das paisagens humanas (dos Severinos e Severinas), da releitura da poesia, da produção de vídeos, das entrevistas ou podcast com escritores, dentre outras possibilidades.

MORTE E VIDA SEVERINA E O DIREITO À VIDA

Texto mais popular do pernambucano João Cabral de Melo Neto. Escrito por solicitação da dramaturga Maria Clara Machado (1921-2021), musicalizada por Chico Buarque no TUCA (Teatro da Universidade Católica de São Paulo) em 1966. A obra, entre outros pontos, se constitui como um grito dos que são empurrados à miserabilidade social em que direitos básicos como nome/sobrenome, moradia, alimentação, educação, saúde são negados pelas estruturas sociais. Restando “apenas” a centelha da vida que cada um carrega em meio há ambientes propícios a mortes e violências, em uma insistente e árdua luta pela sobrevivência cotidiana.

Estruturalmente, classificada como pertencente ao gênero dramático, pois foi pensada como tal para ser representada – por isso do subtítulo *Auto de Natal Pernambucano* -.Auto, segundo Cereja (2013, p. 56-57), é gênero literário muito em voga na idade média em especial na Espanha em que se apresentavam nos átrios dos conventos ou na frente de igrejas histórias de santos ou passagens bíblicas sobre Jesus de Nazaré.

Sobre Morte e Vida Severina (1956), Andrade (1987) discorre que esse auto se compõe de apenas um ato, uma ação principal, subdividida em 18 cenas. A peça assume

também as características de poema narrativo de tradição popular nordestina visto que foi escrita em versos heptassílabos também chamados de redondilhas maiores.

Ademais, a “dramaticidade” na obra extrapola a própria inserção ao gênero representativo, e sim, a persistência da *Vida* em meio há tantos sinais de *Morte*, como destaca o personagem principal: “[...] Desde que estou retirando só a morte vejo ativa, só a morte deparei e às vezes até festiva [...]” (NETO, 2002, p. 7). Entretanto tanto a vida quanto à morte caracterizam-se como *Severinas* numa alusão à severidade e aspereza que circundam os levados ao ostracismo social. Por isso, uma das grandes problemáticas/dificuldades de *Severino* (metáfora desses marginalizados) é dizer quem ele é e para que veio:

— O meu nome é Severino³, como não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria; como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias. / Mais isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia, por causa de um coronel que se chamou Zacarias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria [...] (NETO, 2002, p. 2).

E o protagonista segue sua saga marcada por tantos sinais de morte visto que o autor constrói uma narrativa em que o cenário corresponde as três regiões geograficamente divididas em Pernambuco: sertão, agreste, mata, essa última contendo a Canaã do retirante – Recife. Os sinais de mortes são singularizados, no sertão; morre-se de fome: “[...] Somos muitos Severinos iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande que a custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas e iguais também porque o sangue, que usamos tem pouca tinta [...]” (NETO, 2002, p. 2) e também de seca: “[...] — Onde a Caatinga é mais seca, irmão das almas, onde uma terra que não dá nem planta brava [...]” (NETO, 2002, p. 3).

A relação ao agreste dá-se ao se encontrar em plena retirada com uma mulher (rezadeira de excelências) na janela e indagá-la sobre trabalho naquela região, entre tantas respostas, ela diz: “[...] - Essa vida por aqui é coisa familiar; mas diga-me retirante, sabe benditos rezar? sabe cantar excelências, defuntos encomendar? sabe tirar ladainhas, sabe mortos enterrar?” [...] (NETO, 2002, p. 10). E ela ainda prossegue: - “[...] Como aqui a morte é tanta, só é possível trabalhar nessas profissões que fazem da morte ofício ou bazar” (NETO, 2002, p. 11).

³ Recortada de <https://colegiocngparanagua.com.br/wp-content/uploads/2020/07/MORTE-E-VIDA-SEVERINA.pdf>. Em 11.06.2022.

Severino na região da Mata, onde se encanta com a água que corre livre, assiste ao enterro de outro Severino, desta vez o motivo não é a fome por alimento, mas por terra, reforma, latifúndio, busca pelo direito à moradia e o trabalho (cultivo). Atentamente, escuta o que dizem as pessoas sobre o falecido: “[...] - Essa cova em que estás, com palmos medida, é a cota menor que tiraste em vida. — É de bom tamanho, nem largo nem fundo, é a parte que te cabe neste latifúndio [...]” (NETO, 2002, p. 12).

Decepcionado, segue como em uma procissão penitencial com o objetivo a Recife. Lá, chegando, achando que estar no Éden, observa que nesse suposto “jardim” há serpentes, ou seja, sinais de morte. Não é apenas o fator climático que determina a vida Severina, mas tantos outros pontos de exclusão. Constata isso ao sentar-se junto ao muro de um cemitério e escutar dois coveiros debatendo sobre o próprio ofício e discutindo sobre seus “clientes”:

“[...] - O dia hoje está difícil; não sei onde vamos parar. Deviam dar um aumento, ao menos aos deste setor de cá. As avenidas do centro são melhores, mas são para os protegidos: há sempre menos trabalho e gorjetas pelo serviço; e é mais numeroso o pessoal (toma mais tempo enterrar os ricos)” [...] (NETO, 2002, p. 16).

Aterroriza-se ao ouvir de um dos coveiros a seguinte assertiva: “[...] - É a gente retirante que vem do Sertão de longe. - Desenrolam todo o barbante e chegam aqui na jante. - E que então, ao chegar, não tem mais o que esperar. - Não podem continuar pois têm pela frente o mar [...]” (NETO, 2002, p. 19). Água, elemento vital à vida; a falta dela fez o protagonista migrar de sua região – Serra da Costela/limite com a Paraíba – em busca de oportunidades, isto é, sinais de vida. Pois, achava-se cômico de que a presença desse elemento traria vida. Agora, descobre a dura realidade que o circunda procurando devorá-lo: falta de oportunidades para uma vida promissora, vê que não apenas depende dele visto que sua parte a fez, partiu em busca da premissa Canaã. Água agora de sinal de vida converte-se em mortalha, de forma irônica:

“[...] - Na verdade, seria mais rápido e também muito mais barato que os sacudissem de qualquer ponte dentro do rio e da morte. - O rio daria a mortalha e até um macio caixão de água; e também o acompanhamento que levaria com passo lento o defunto ao enterro final a ser feito no mar de sal [...]” (NETO, 2002, p. 19).

E o coveiro completa: “[...] - E esse povo de lá de riba de Pernambuco, da Paraíba, que vem buscar no Recife poder morrer de velhice, encontra só, aqui chegando, cemitério

esperando [...]” (NETO, 2002, p. 19). Tal depoimento chocou a tal ponto que resolveu apressar sua morte, jogando-se da ponte da Boa Vista:

[...] Só que devo ter chegado adiantado de uns dias; o enterro espera na porta: o morto ainda está com vida. A solução é apressar a morte a que se decida e pedir a este rio, que vem também lá de cima, que me faça aquele enterro que o coveiro descrevia: caixão macio de lama, mortalha macia e líquida, coroas de baronesa junto com flores de aninga, e aquele acompanhamento de água que sempre desfila (que o rio, aqui no Recife, não seca, vai toda a vida) [...] (NETO, 2002, p. 20).

Água, rio, lama, mortalha, enterro, macio enfim tudo parece inevitavelmente ter ido por água abaixo. Sonhos despedaçados, migração/retirada nulas. Encontra-se junto aos mangues do centro da cidade, depara-se com um morador das palafitas – Seu José, o mestre Carpina. Questiona a esse senhor sobre o valor da vida e se aquela hora do dia o rio aumenta seu nível: [...] - Seu José, mestre carpina, para cobrir corpo de homem não é preciso muito água: basta que chega o abdome, basta que tenha fundura igual à de sua fome [...] (NETO, 2002, p. 21).

Dentre tantas falas, Seu José discorre sobre a vida, dificuldades e resistência; Severino perguntara: “[...] Seu José, mestre carpina, que lhe pergunte permita: há muito no lamaçal apodrece a sua vida? [...]” (NETO, 2002, p. 22). Noutras palavras, perguntara se vale a pena viver ante ao cenário de morte cotidiano. Ao que Seu José responde: “[...] - Severino, retirante, sou de Nazaré da Mata, mas tanto lá como aqui jamais me fiaram nada: a vida de cada dia cada dia hei de comprá-la [...]” (NETO, 2002, p. 22). Perguntas existenciais fortes que no desenrolar do diálogo parece silenciar ambos os personagens.

Neste momento, surge uma mulher também moradora das palafitas que anuncia a Seu José o nascimento do filho deste. Nos mangues, bioma também formado pelo elemento água, que se emerge a vida a qual parecia anteriormente fadada à morte. Ela insiste em vigorar em vencer a cada dia as barreiras que tentam cerceá-la. O menino similar a Severino que não início da narrativa tinha dificuldade em anunciar quem é e que para que veio adentrando na vida dos leitores, a criança não é nomeada – apenas chamada de filho de Seu José. Os moradores cantam: “[...] Todo o céu e a terra lhe cantam louvor. Foi por ele que a maré esta noite não baixou [...]” (NETO, 2002, p. 23).

Em um intertexto bíblico, Mateus 2: 1-11, assim como o Cristo, que ao nascer recebeu dos Reis Magos presentes como ouro, incenso e mirra; o filho de Seu José foi agraciado pelos vizinhos do mangue produtos da terra: “[...] - Minha pobreza tal é que não tenho presente

caro: como não posso trazer um olho d'água de Lagoa do Cerro, trago aqui água de Olinda, água da bica do Rosário [...]” (NETO, 2002, p. 24). Cada qual ofertando de acordo com suas parcas condições, porém com grande alegria. Nessa passagem vê-se o elemento água tão precioso na narrativa, pois dela emerge a vida e também ironicamente a morte.

Salientando que toda a saga da obra passasse junto às margens do Capibaribe que em seu percurso, em alguns trechos, é temporário, secando, sua falta gerando escassez e morte às populações margeadas. Em meio à festividade surgem duas ciganas, outro elemento de cunho religioso, desta vez não cristão, que profetizam a vida futura do recém-nascido. São díspares em grande parte sobre o futuro, porém pontuam que enfrentará certos problemas. A primeira relata:

[...] - Atenção peço, senhores, para esta breve leitura: somos ciganas do Egito, lemos a sorte futura. Vou dizer todas as coisas que desde já posso ver na vida desse menino acabado de nascer: aprenderá a engatinhar por aí, com aratus, aprenderá a caminhar na lama, como goiamuns, e a correr o ensinarão os anfíbios caranguejos, pelo que será anfíbio como a gente daqui mesmo [...] (NETO, 2002, p. 25).

A segunda de forma mais otimista profetiza:

[...] - Atenção peço, senhores, também para minha leitura: também venho dos Egito, vou completar a figura. Outras coisas que estou vendo é necessário que eu diga: não ficará a pescar de jereré toda a vida. Minha amiga se esqueceu de dizer todas as linhas; não pensem que a vida dele há de ser sempre daninha. Enxergo daqui a planura que é a vida do homem de ofício, bem mais sadia que os mangues, tenha embora precipícios. Não o vejo dentro dos mangues, vejo-o dentro de uma fábrica: se está negro não é lama, é graxa de sua máquina, coisa mais limpa que a lama do pescador de maré que vemos aqui vestido de lama da cara ao pé [...] (NETO, 2002, p.26).

No final do percurso, a vida eclodiu, mesmo que na fala do Seu José, mestre Carpina, que ante ao nascimento de seu filho anunciou a resposta à pergunta feita pelo retirante sobre se vale a pena viver:

— Severino, retirante, deixe agora que lhe diga: eu não sei bem a resposta da pergunta que fazia, se não vale mais saltar fora da ponte e da vida; nem conheço essa resposta, se quer mesmo que lhe diga é difícil defender, só com palavras, a vida, ainda mais quando ela é esta que vê, Severina mas se responder não pude à pergunta que fazia, ela, a vida, a respondeu com sua presença viva. E não há melhor resposta que o espetáculo da vida: vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida, ver a fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica, vê-la brotar como há pouco em nova vida explodida; mesmo quando é assim pequena a explosão, como a ocorrida;



como a de há pouco, franzina, mesmo quando é a explosão de uma vida Severina (NETO, 2002, p. 28).

Com o término sem a euforia da vida sobre a morte, mas reflexão sobre o ato de existir a vida que teimosamente luta em resistir ante tantos sinais de morte, finda-se a obra. Inserta didaticamente no terceiro tempo modernista (geração de 1945). João Cabral como Clarice Lispector e João Guimarães Rosa também insertos nessa geração. Organiza uma obra em que a esperança por dias melhores é uma das tônicas principais.

Assim, o trabalho em sala de aula, especificamente no Ensino Religioso, no que concerne a interseção com uma obra do acervo literário nacional, amplia a percepção do estudante que pode refletir o componente curricular através da multidisciplinaridade. Como o próprio Currículo Pernambuco Ensino Religioso defende no tocante aos princípios estéticos, o cultivo da sensibilidade, da racionalidade, bem como a valorização das diferentes manifestações culturais e construção de identidades plurais e solidárias tão importantes para o Ensino Religioso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os professores e técnicos das gerências regionais de Ensino Religioso interagiram ativamente expressando surpresa e felicidade em rever a obra *Morte e Vida Severina* tão apreciada em Pernambuco. Enumeraram quantas questões sociais e religiosas já eram levantadas por João Cabral em 1956.

A participação de 32 pessoas na formação continuada, entre professores e técnicos de Ensino Religioso demonstra a importância do estudo e da pesquisa das religiões de forma inovadora, construindo pontes e conexões com o novo, com a literatura, ousando e experimentando novos saberes e fazeres em sala de aula.

Muitos professores ficaram curiosos e entusiasmados em ler ou reler a obra e pensar em uma estratégia pedagógica de trabalho com o livro *Morte e Vida Severina* para o Ensino Religioso. E a grande questão levantada na roda de diálogo virtual foi: Por que utilizamos tão pouco a literatura em nossas aulas de Ensino Religioso e Ciências Humanas?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2021, ainda em plena pandemia do corona vírus, foi muito desafiador para estudantes e profissionais da educação. Apesar do trabalho de formação continuada ter sido



elaborada na plataforma digital do google meet, consideramos uma ação vitoriosa, uma vez que conseguimos a participação e interação dos participantes no formato de roda de diálogo virtual.

Uma dos destaques da formação foi a expressão do sentimento de surpresa e admiração dos professores e técnicos expressas nas telas dos computadores, ao perceber dezenas de conteúdos da área dos estudos da religião encontrados no decorrer da apresentação do auto Morte e Vida Severina. O encantamento foi evidenciado por todos os professores sobre a narrativa do auto de natal de João Cabral, forte e contundente, permeada de Severinos, de morte e de vida, de tragédia e de superação da condição humana envolta em suas misérias sociais.

Por fim, os participantes do processo formativo, solicitaram que todos os anos houvesse uma formação dialógica entre Literatura e Ensino Religioso, que para o ano de 2022 fosse escolhido uma nova obra que despertasse o desejo de conhecimento e diálogo entre as áreas da Literatura e do Ensino Religioso.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, **Fernando Teixeira. Literatura Brasileira II**, CERED, 1987.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o **Código Civil**.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MATEUS. In: **Bíblia de Jerusalém**. Editora Paulus, São Paulo, 2017.

MENDES, Clóvis. **O nome civil da pessoa natural: Direito da personalidade e hipótese de retificação**, 2009. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/13015/o-nome-civil-da-pessoa-natural>. Acesso em: 12 de jun. 2022.

NETO, João Cabral de Melo. **Morte e vida Severina**. Universidade do Amazonas, UNAMA, 2002. Disponível em: <https://colegiocngparanagua.com.br/wp-content/uploads/2020/07/MORTE-E-VIDA-SEVERINA.pdf>. Acesso em: 12 de jun. 2022.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco. **Currículo de Pernambuco: ensino fundamental**. Recife : SEE-PE, 2019.